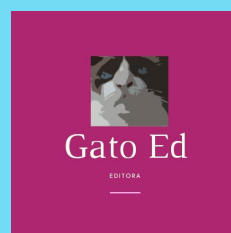


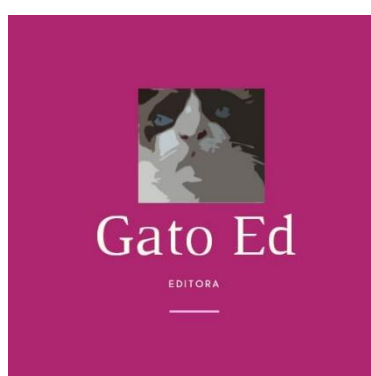
**Onde Moram  
As Coisas  
Que Não  
Aconteceram?**

**Marcus da Lama**



O livro do poeta Marcus da Lama, “Onde Moram As Coisas Que Não Aconteceram?”, foi publicado pela primeira vez na década de 1990 pelo movimento cultural MOCULMA, organizado no bairro da Marambaia em Belém do Pará. Foi uma edição datilografada, artesanal como foi muito comum naquele momento e que se difere dessa graças ao computador e a internet. Este livro, de certa forma se aproxima muito do que a Editora Gato Ed representa para as pessoas que a organizam, uma utopia sendo traçada com muitos obstáculos e existindo e se mobilizando até aqui. As poesias de Marcus da Lama falam de boemia, dúvidas, amor, prisão e liberdade. A Editora Gato Ed tem a honra de lançar a sua segunda edição.

Leila Leite  
Editora



**Marcus da Lama**

# **Onde moram as coisas que não aconteceram?**

**Editora Gato Ed**

**Belém-Pará**

**2020**

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.

# E-BOOK GRATUIT

**Capa: Leila Leite**

**Diagramação: Leila Leite**

**Revisão: Lucélia Leite**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Lumos Assessoria Editorial  
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

L213 Lama, Marcus da.  
Onde moram as coisas que não aconteceram? [recurso eletrônico] / Marcus da Lama. — Belém: Gato Ed, 2020.  
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-089-2

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.  
I. Título.

CDD B869.1

## Sumário

Páginas .....	8
Aquelas cores .....	9
Silenciosamente.....	10
Magro de dor.....	11
Aqui dentro.....	12
Nostálgica.....	13
Ah! .....	14
O boi lambeu .....	15
A Bela.....	16
Cirandinha.....	17
Luas negras .....	19
Tela viva.....	20
Elegia sertaneja.....	21
Jardim Bélico .....	22
Os molequinhos .....	23
Os fatos.....	24
Pescando na vala.....	25
Registro de um tempo.....	26
Reginaldo.....	27
Cotijuba.....	28
Passeata de osgas .....	29
Eliete .....	30
Visões.....	31
A guilhotina .....	32
Besouro de luz.....	33
“Querer vadio” .....	34
Quando faltou luz.....	35
Estranhos prazeres.....	36

Sem a terra.....	37
As partes da cara do cara.....	38
Signos fortes .....	39
O furor .....	40
Verve.....	41
Sexo.....	42
Desgraça .....	43
Asas do chão .....	44
A literatura nas esquinas.....	45
Inverno.....	46
O sino.....	47
Cafofo .....	48
Se .....	49
Galho .....	50
Coitadas .....	51
Transmissão.....	52
Gente .....	53
Jazigo astral .....	54
Sentimento vespertino.....	55
Às vezes .....	56
Bila.....	57
A poesia.....	58
Sozinhos .....	59
Planeta lua .....	60
Dentro de todos.....	61
O autor .....	62

## Páginas

Imensa é a ansiedade  
de jogar meu corpo  
contra tua parede  
morena, morena – página em branco!

Sempre dilacerantes  
são os verbos que saem  
da tua boca muda  
carnuda, carnuda – página pungente!

Cscura é essa esperança  
que a cada dia  
fica mais invisível – Negra página!

Este soneto  
ainda inacabado  
veio do coração – Prato quebrado!



## Aquelas cores

Descobrir as cores

Num caminho psicodélico.

Caminhar por onde ninguém foi.

Desenhar o grito das cores.

Ver naquela cor

aquilo que nem dá pra notar

sentar ali, e olhar aquilo

que você pensou um dia

olhar lá do penhasco – aquela escada de cores.

Aquelas cores:

escarlates, lampejantes,

brancas, amareladas

lívidas, apodrecidas...

## Silenciosamente

À Auri Menezes

Terça-feira cinzenta

Mas não ao milho

Nem ao homem do chão – o seu filho

Dia de intensa elegia;

Há um silêncio na mata

É um respeito que fica

E um comprimido que engasga

É mudança de tempo

É um soluço discreto

É dia de mistério

É o caminho do vento.

## Magro de dor

Acordo com as costas  
ardendo e sangrando  
minha cara é de um cara  
que apanhou na cara.  
Ando mancando  
e vomitando sangue.

E no caminho turvo – essa ponte do abismo –  
vejo crianças lindas e mortas  
e crianças lindas e com fome  
que, se não comem hoje,  
amanhã não comem.  
(São secas de dor  
São magras gemendo  
Se têm comida, comem  
Se não têm, seguem morrendo)

“A agonia atravessou o mar  
e ancorou na passarela  
É a fome desfilando  
pelo planeta Terra.”

## Aqui dentro

Quando olho  
Para dentro do meu corpo  
Tudo pede que eu me esqueça;  
Fica tudo escuro;  
São mais de mil muros.

Vejo minha sombra ali;  
Não quer mais me acompanhar,  
Já não pensa em me seguir  
E até saiu de perto de mim.

Vejo meus cacos ali.  
Eles saíram de dentro de mim,  
Mas não querem se ajustar.  
Já não querem nem saber  
Que saíram de dentro de mim.

## Nostálgica

É uma manhã tão pálida  
Eu olho a rua trágica  
e vejo vestígios vivos  
nas pedras, no capim  
e no meu olhar calado.

A névoa cobre a praça,  
arrasa a manhã pasmada,  
e dilacera um vento tímido  
e visita minha tristeza ao fundo

Seguro uma garrafa  
de “uísque-vagabundo”  
me agarro a sua boca  
mas dentro dela  
tem uma nostálgica garoa,  
tem uma manhã escura,  
mas negra mesmo  
é essa manhã dentro de mim.

## Ah!

Quero aqui e ali ficar  
pela manhã  
per o sol arreganhar-se,  
bananeiras felizes ao vento,  
jornal chegando as casas

Mas, o blues dos lobos,  
o azul escuro e negro dos loucos...  
há humidade e morte nas calçadas  
e algumas flores...sujas de lama.

Sei que ando triste  
e muitas vezes andarei.  
É inverno no subúrbio...

## O boi lambeu

À Claudia Sabbath

Eu não sou eu  
e o boi lambe quem quiser  
se mandou pra muito além.  
Não me restaram  
nem os centavos

Adeus estrada  
Adeus asfalto  
Minha rua, agora,  
é um buraco

Caí da escada e não morri  
Tentei andar mas desisti  
Fiquei em casa  
pra beber um gole de alguém

Eu não sou mais eu  
e o que tinha pra lambe  
o boi lambeu!

## A Bela

Havia uma pedra  
no meio do caminho;  
olhei para a pedra  
e vi nela  
uma beleza  
que não encontrei  
em todo o resto do caminho.



## Cirandinha

### A Buscapé Blues

Ó meninos!

Olhem o anil do céu!

Vamos correr de lado!

Subir escadas!

Rodar girassol!

Ó meninos!

Eu quis dizer

que é pra não ficar

sentado, assim parado,

olhando calado, o telhado!

Eu quis dizer que

é pra chupar a manga,

rasgar a camisa de seda,

morder o dedo,

lamber os dentes

rodar o sol

Já entendido

agora é hora

de praticar,  
soltar a voz,  
correr os pés,  
soprar o vento,  
molhar o rio,  
pois ainda é cedo...

## Luas negras

É noite.

É a noite escura que

me esconde

e escurece minhas luas.

Meus olhos escuros te pedem,

meus pensamentos te acham,

mas a noite escura te perde;

eu perco;

me perco em luas negras.

São várias luas no céu.

No chão são várias luas

que a noite escura desenha,

e essas luas,

que outrora entravam

pela cortina em minha janela,

só me fazem

te ver indo embora

por uma rua muito escura,

## Tela viva

Na tela viva dessa vida que se vive

Homens coloridos se vestem

De punhais, facas, canivetes

Tesouras, revólveres, giletes

Para conquistar o pão;

O pão magro dessa vida.

É a pintura mais moderna

Desses tempos de caverna;

Dessa caverna mais moderna.

E a moldura dessa tela

É uma cela, é uma cela!

## Elegia sertaneja

Dias de sertão!

Vontade de chorar, cair no chão.

Lembro dos carnavais

Já faz tempo; tempo jaz

Agora há

Um espantalho morto no milharal,

Em cima da mesa

Um prato vazio,

No canto da casa

Somente um canto a agonizar.

- Puro ar do sertão,

Como podes ser tão triste?

Mas já que insistes

Não vou mais me alegrar...

## Jardim Bélico

Muitos poderes com força  
Num cemitério de mentes  
Onde flores são vidas  
Que geram sementes;  
Mas os homens que ferem  
Inclusive a eles mesmos  
Transformam o país  
Em uma flor sem raíz.

Eles brincam “sozinhos”  
Disputando a terra  
E matam o jardim  
Com suas armas de guerra.

As flores nascem tortas  
E testemunham um céu cinzento;  
São pétalas que caem  
Por dor e sofrimento.

## Os molequinhos

No caminho

Curtinho

Os molequinhos

Espertinhos

Colheram

Flores

Em meio a tantos espinhos

E tiraram um sarro

Do molequinho

Que só sabia

Comprar flores

No armarinho.

## Os fatos

Relato,  
Um pouco farto,  
O fato  
De comer no prato  
Ao menos jerimum.  
Mas relato,  
Um pouco fraco,  
O fato  
De comer rato,  
Ao menos rato,  
Fato esse  
Que deveria  
Ser incomum.



## **Pescando na vala**

Ruas de pau  
E estrelas na vala  
Tábuas quebradas  
E doenças demais.  
Aqueles insetos, ali,  
Tão podres  
Até amparam os olhos.

E nessa passagem –  
- Tão assim: angústia –  
É tão difícil  
Pescar sonhos na vala.

## Registro de um tempo

É uma tarde vazia;  
Nada de anormal.  
O vazio sempre existiu  
Até como coisa importante!

A chuva cai, magra,  
Não há nada de inédito,  
Sempre caíram chuvas finas!

O século é XX;  
Tudo normal,  
Há muito tempo vivemos no século XX!

Porém, o que sinto,  
Nesta tarde vazia  
De chuva fina  
Deste fim de século XX,  
É um fino vazio vespertino  
Da época em que vivo.

## Reginaldo

Ele só anda  
Bem acompanhado  
Quando não está só,  
Fica parado.

No auge de sua postura  
Fica sempre sentado  
Quando não fala consigo,  
fica calado.

Reginaldo é tímido,  
Sério  
E tem um olhar profundo.

Reginaldo não é autista;  
Tem alguns amigos  
E um irmão chamado Raimundo.

## Cotijuba

Vou deixar a vida fajuta  
Vou pegar um barco  
Vou encher a cabeça de ilha  
Vou para Cotijuba.

Agora já deixei longe  
A terra-dos-homens-com-fome.  
Estou seguindo o horizonte  
Onde nasce a fonte  
Dos filhos d'água.

Não estou mais de bobeira  
E agora estou aqui  
Na ilha das palmeiras.  
Estou voando no vento  
Que me leva e traz.  
Estou dormindo  
Sob o céu e as estrelas,  
Agora estou em paz.

## **Passeata de osgas**

Lá vai a passeata!

Cheia de osgas

Sem alma

Cansada

Sem nada

Lá vai a passeata!

Sem sangue

Sem vida

Sem pátria

Lá vão as osgas!

Desorganizadas

Cheias de preguiça

Com toda vontade

De não fazer nada

Lá vem voltando a passeata!

Cheia de osgas

Sem sangue

Cansada...

## **Eliete**

Eliete faz parte da elite  
Da elite insensível,  
Da elite que esquece  
Que existem Josias e Josietes  
Andando pelas ruas,  
Esmolando nas calçadas,  
Vendendo chicletes.

Eliete tem cabelos grandes  
Que lhe cobrem os olhos.  
Eliete não é cega,  
Mas não enxerga por dentro  
E tem a cabeça grande,  
Uma cabeça cheia de vento.

Eliete mora no 24º andar  
E nunca olha para baixo  
Tem medo de cair na realidade,  
Medo de se conscientizar,  
Medo que dentro dela arde.

## Visões

Quando eu ia

Por uma via

Eu via

Uma vila

Cheia de homens fortes

- bravos como leões,

Firmes como postes.

Eram também

Doces como crianças,

Cheios de esperanças.

Todos riam felizes,

Voavam como o vento,

Pois ninguém

Tinha tormento,

Mas a via acabou

E acabei dobrando a esquina

- Os leões

Eram

Apenas

Visões.

## A guilhotina

O sapo no mato:

canta,  
pula,  
não fala  
e é feliz.

A criança na roda:

Pula,  
Gira,  
Gesticula,  
Canta,  
Dança  
E é feliz.

A gente no dia nosso de todos os dias:

Fala,  
Sua,  
Cala,  
Preocupa-se em demasia;  
E a preocupação  
É guilhotina  
Que nos cala por dentro.



## **Besouro de luz**

À Jucy Revol

Não é de ódio  
Que eu quero falar  
E sim destes olhos  
Que iluminam tantas catedrais  
Aqui, ali, atrás e mais e mais

E brilham no escuro,  
Acordam meus olhos,  
Espantam a zoeira  
E brilham na feira.  
Já é madrugada  
E a noite, ainda acordada,  
Agradece a beleza  
Dos olhos brilhantes da natureza.

## **“Querer vadio”**

Meu querer vadio  
Tão jogado a tua porta  
Caiu na chuva-dos-esquecidos  
Que agora é meu rio  
E teu caminho torto  
Virou minha estrada;  
Mas aqui, onde realmente moro,  
Sempre te vejo  
Com uma arma a me matar.

Há um par de corpos,  
Mas só vejo a minha cruz.  
Vejo um brilho só;  
É só a tua luz!

Às vezes quase entendo  
Mas é só um bar...

## Quando faltou luz

O ambiente  
É meio macabro;  
Uma escuridão  
Quase que total  
Os quadros na parede  
Ganham novas formas  
Os móveis da sala  
Parecem seres estranhos;  
Estão parados e calados;  
Estão me olhando;  
Alguns insetos  
Cantam em meus ouvidos  
Alguma canção  
Que não consigo entender.  
Somente escuto  
Ondas sonoras  
Vindas de algum lugar distante,  
E chegam num tal silêncio  
Que quase não consigo lhes responder.

## **Estranhos prazeres**

Têm me habitado  
Por várias noites,  
Durante o sono,  
Espécies de prazer  
Bastante estranhas:  
Um orgasmo pelo medo de te perder,  
Outro orgasmo  
Pelo medo de te esquecer,  
Mais outro orgasmo  
Por saber que você  
Jamais me pertenceu.

## **Sem a terra**

Sem-terra

Sem tara

Por uma vida cara.

Simples mente

De um cara

Que só quer

Um pedaço de chão

Para plantar

Sua vida, sua casa.

E a terra

Sem dono,

Com danos da improdução,

É pintada de vermelho

Ensanguentando o chão: sem dono, com danos.

## As partes da cara do cara

Toda cara-metade  
Tem uma metade de cara  
Que só tem olhos  
Para sua própria cara.  
A outra metade de cara  
Só tem olhos  
Para a cara do cara.

Escarro as partes de minha cara-metade!  
Tenho uma metade da cara  
Onde os olhos  
Não vêem  
Apenas com os olhos da cara.  
É a metade que se reparte ao meio,  
E é meio fraca, indecisa, quase nunca se encara.  
Um meio dessa metade  
Que se reparte ao meio  
É tão lento que para.  
O outro meio dessa metade  
Que se reparte ao meio  
Ficou esquecido  
No meio de tantas partes.

## Signos fortes

Venha a qualquer hora,  
Mas venha só.  
Não traga nenhuma garrafa  
Dessas que sempre te peço.  
Traga somente  
Um machado afiado  
E com ele  
Abre minha cabeça,  
Penetre meu cérebro  
Para saber  
Tudo que penso  
Sobre tudo que sinto  
E não sei dizer.

## O furor

É inverno no inferno.  
O gelo esfria o coração  
Por isso não me dê sua mão  
Quando te chamar.  
Um buraco a me puxar.

Não queira estar comigo  
Quando a dor chegar,  
Porque é inverno no inferno,  
É a solidão das cavernas,  
É um abismo profundo,  
É a última lágrima,  
É o começo do fim do mundo.



## Verve

O que você faz me sacia;

Alivia por dentro.

Do lado de fora

Você me agride

Só para desagradar.

Depois me dá o braço,

Eu te abraço

E dou o braço a torcer.

Quando você

Não sabe o que quer de mim;

Eu noto,

Anoto no papel

E morro embriagado.

## Sexo

O teu sexo  
Me fascina, elimina  
Minha falta de vitamina  
Me acende, me faz  
Tão luzente  
Quanto a lua sobre o mar.

O teu suor  
Me deleta, me liberta  
Me faz bem maior.  
É o perfume animal  
O incenso que anima  
Que embriaga, alucina  
Que faz com que me sinta  
Muito, muito bem mais moço  
E me faz tão carne e osso.

## Desgraça

Cortei o cabelo,  
Fiz a barba,  
Tomei, ansioso, um banho,  
Coloquei a calça jeans,  
Vesti a camiseta,  
Calcei o tênis,  
Arrumei o cabelo.  
Sai de casa,  
Andei por algumas ruas.  
Cheguei em sua casa,  
Chamei por seu nome  
E ninguém respondeu;  
Então grite o seu nome;  
Finalmente você veio:  
Descabelada,  
Toda suja,  
Calça rasgada,  
Malcheirosa; infeliz.  
Já perto de você  
Algo estava estranho;  
Então, gritei seu nome,  
Mas, não ouvi nenhuma resposta;  
Olhei no seus olhos;  
Estavam mudos  
E você estava morta para mim!

## Asas do chão

Todo esse espaço  
Cheios de casas  
E as asas das casas  
Cheias de gente  
Que olha para o chão!

As pedras do chão  
Que no chão sempre estão  
Nos fazem olhar para o chão  
Como se estivéssemos  
Mortos ao meio  
E de tão mortos  
Ressuscitaríamos inteiros  
E novamente olharíamos para o chão,  
Mas, agora  
Ele pareceria o céu.

## A literatura nas esquinas

A literatura nas esquinas  
Onde a vida caminha, corre e desatina  
A literatura dos bêbedos  
Onde passeiam  
Homens, mulheres,  
Meninos e meninas.  
José de Alencar nas esquinas  
E lá estão "Diva", "Senhora", "A viuvinha".  
A poesia embriagada  
Que leu o vento,  
A chuva,  
O sol,  
O céu,  
E dorme ao relento.  
Os dias nas esquinas:  
Sol, fogo, lua, aurora  
O tempo nas esquinas:  
Amanhã, depois de amanhã e agora.

## Inverno

Quando o silencio da tua ausência  
Era um pinhal que fazia  
Profundos desenhos vermelhos  
Em minha alma;  
E a madrugada  
Com seus gélidos braços  
Me agarrava  
E me arrastava para longe daqui  
Eu quis acender uma fogueira  
Para me aquecer,  
Para te esquecer,  
Mas, dentro de mim  
Já era inverno chuvoso...

## O sino

Voaram entre os mamoeiros  
Seis andorinhas  
As seis horas da tarde.  
Vaziam círculo em meus olhos  
Não paravam de dançar  
Na dança do corrupio  
Num prenuncio de “anoitar”

Entre a noite  
E o fim da tarde  
Bate o sino da mini hipnose  
Um cadáver se levanta  
Olho as andorinhas  
Do fim da tarde  
E encerra os olhos  
Entre os mamoeiros.

## Cafoto

Goleiro sentado  
Sob a trave-velha-mais-bonita,  
Contando ratos para voar.  
Não vejo o voar dos urubus,  
Só escuto um velho blues

Vejo o cinza "do longe"  
O limo, o liso, o azul,  
E a luz lilás pra lá de "pra li".  
Olho flores velhas que agonizam  
Ao lado das sementes  
Que esperam com ansiedade  
E sabedoria de serpente

Chamo de mãe a lua,  
Desenho a estrela-nua  
E peço ao mar que lave  
A tristeza de nossas caras.



## Se ...

Se está certo

Eu conserto

Se está errado

Eu estrago

Se é noite

Anoiteço

Se é chaga

Amorteço

Se é morte

Adormeço

Se ....

Sou ....

Se é vida

Sou poeta.

## Galho

Pode o amor ser  
Um galho  
Cheio de espinhos  
E rugas  
Mas, já vi  
Uma flor  
Na extremidade  
Desse galho  
Talvez tenha sido miragem  
No entanto,  
Tenho gostado da ideia  
De duendes cantando  
Cantando no jardim.

## Coitadas

Coitadas das pessoas  
Que pensam que  
As artes plásticas  
Servem apenas  
Como objetos de decoração

Coitadas das pessoas  
Que acham que  
Acham que os versos de poesias  
Servem apenas  
Para bajular as meninas.

Compaixão as pessoas  
Que veem as artes  
Como discos voadores  
Lá do planeta Marte.

## Transmissão

Foi amarga  
A saliva que triscou a minha boca  
E mais amargo ainda  
Foi sentir  
Que a amarga saliva  
Entrou em minha boca  
Como um a saliva amarga  
Amargando também a minha saliva.

Foi áspero  
O corpo suado  
Que grudou no meu corpo  
E ainda mais áspero  
Foi sentir que  
O corpo áspero  
Que grudou no meu corpo  
Tornou áspero  
Meu corpo  
E agora  
Só ando tateando espinhos.

## Gente

Gente anda a pé  
gente tem fé  
e toma, todo dia, café.

Gente vai à luta  
e quando a fome é puta  
enfrenta qualquer labuta.

Gente quando está  
muito feliz sorrir,  
fica apertada e faz xixi.

## Jazigo astral

Não quero cansaço;  
Não quero exagero;  
Não quero prisão  
E nem seguir passos.  
Não quero ir contigo  
Quando não quero, não quero  
Não quero emprego;  
Não quero dinheiro  
E nem coveiro  
No meu enterro

Eu quero passear a noite  
Eu quero um bosque  
Eu quero um morcego  
Eu quero um jambeiro  
Eu quero sentir cheiro  
E quero um cinzeiro  
Para quando morrer  
Colocar minhas cinzas  
Mas, não quero enterro.

## Sentimento vespertino

Da minha janela  
Eu olho em cada olhar  
Queria ver você chegando  
Mas, só vejo janelas e sol.

Janelas brilham  
Invadidas de sol.  
O vento voa  
Soprando angustias da cidade  
E folhas velhas  
Levadas pelo tempo  
Meninos correm  
Nas ruas empoeiradas,  
Meninas dançam em juventude  
E no desejo de amar.

Muitas pessoas...  
À tarde estão tão ocupadas  
Que nem podem visitar.

Tantas pessoas...

## Às vezes

Às vezes generoso

Às vezes radical

Às vezes bem

Às vezes mal

Às vezes sem

Às vezes, mal tem

Às vezes cem

Às vezes, nem tem

Às vezes quero

Às vezes espero

Às vezes vozes

Às vezes só

Às vezes vil.

Às vezes, viu?



## Bila

Ele embala uma bola  
E a coloca em uma sacola  
Enrola a rede  
Toma água e mata a sede.  
Sua gula  
Não é uma bula,  
Não gosta de parecer uma bola  
Cheia de saúde

Ele embala  
Um abala d e revólver  
Adormece a bala  
E a transforma numa bola de brincar

O seu nome é Bila  
Ele é ótima companhia,  
Mas, pensa  
Que não gosta de poesia.

## A poesia

Tudo é poesia

Na calma

No silêncio

Na noite

na agonia

na rebeldia

no dia

Tudo é poesia

Ora José

Ora externo

Ora sossego

ora Maria

ora interno

ora inferno.

Tudo é poesia

Seja treva

Seja besteira

Seja indiscreto

seja clareira

seja sério

seja mistério

A poesia não morreu

Esteve esfaqueada

Em estado grave

E adormecida

A poesia esteve de cama,

E esquecida

Mas, nasceu mais uma criança

E com ela, a poesia

Que agora gira

Que agora canta.

## Sozinhos

Todo mundo é só;  
Todos nascem só;  
A fresta na janela,  
A goteira no telhado,  
Meu olho que te olha que te odeia

Todos são só;  
As máquinas gigantes,  
Teus cabelos negros e brilhantes,  
Tuas unhas limpas e grandes;  
Todo mundo é só;  
Todos são só;  
Sozinhos nasceram  
E morrerão só

Alguma outra parte  
Que me acompanha  
Também é só;  
Sozinha nasceu  
E é tão só  
Quanto todos juntos somos tão só!

## Planeta lua

Semearei capim na lua  
Onde pousarão muitas borboletas,  
Onde cantarão muitos pássaros  
Que aqui já não podem cantar.

Plantei orquídeas na lua  
Onde sentarão muitos gafanhotos  
Onde zumbirão muitas abelhas  
Que aqui produzem mel amargo.

Cantarei muitas melodias na lua  
Onde ninarei muitos amigos,  
Onde assobiarei canções otimistas.

Na lua estarei só!  
Queria encontrar todos por lá,  
Muito felizes, queria encontrar...

## Dentro de todos

Tomando banho de chuva  
Todos são iguais  
As lésbicas, os gays,  
Os solteiros, os casais.  
Tomando banho de chuva  
Todos se molham,  
Todos esquecem,  
Todos renascem.  
Tomando banho de chuva  
Todos se olham;  
Todos se acolhem;  
Todos estão alegres  
Mesmo que sejam sérios.

Ah! se todos jogassem  
Canivetes para o céu  
E rasgassem as nuvens carregadas,  
E fizessem chover  
Todos os dias  
Dentro de todos!

## O autor



Nascido e crescido na Marambaia, bairro onde iniciou suas aspirações artísticas, entre elas a cerâmica e a literatura. Trabalha nas ruas de Belém como artesão. Fez parte da criação e fundação do Movimento Cultural da Marambaia (MOCULMA) em 1994; que teve como proposta descobrir, estimular, inserir e divulgar o artista anônimo, principalmente do bairro. Lançou os seguintes livros de poemas de forma artesanal: Onde moram as coisas que não aconteceram? (1996), Meu Olho Que Te Olha (1998), Uma Casa (1999).



Este livro faz parte do Projeto “Ivonete Pinheiro: Sim, Vidas Negras Importam”. Este projeto tem o objetivo de trazer à tona produções que valorizem as vidas das pessoas negras enquanto pensadoras de sua realidade, pessoas que produzem teatro, cinema, literatura, ciência, etc. Memórias de periferias onde as pessoas vivem, nascem, crescem, criam suas famílias, contam suas histórias e também, infelizmente, lugar onde as vidas negras sofrem constantes ameaças e onde resistem constantemente. E quem é Ivonete Pinheiro? Uma jovem negra e periférica, graduada em ciências sociais e mestre em sociologia e antropologia, uma jovem antropóloga, feminista negra e referência para outras jovens negras que a cercam, também faz parte da Editora Gato Ed.





# Gato Ed

EDITORIA

---